

A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR

CLAUDINO, Lidiane de Jesus Arruda Dias¹
Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

SOUZA, Maria de Fátima Proença de²
Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

RESUMO

O presente trabalho, resultado de revisão bibliográfica, representa um primeiro passo para a compreensão de como se pode estimular a formação de leitores desde a Educação Infantil. Percebe-se que nos dias de hoje, os alunos demonstram pouco interesse na leitura, bem como dificuldades de interpretação, que são atividades de grande importância para sua vida e leitura de mundo. O ser humano vive cercado pelas palavras e a comunicação oral e escrita faz parte dessa rotina desde sempre. Assim, esse trabalho aborda a importância da leitura como ferramenta indispensável à vida em sociedade que se constitui numa forma de interação das pessoas e de construção de conhecimento. O presente estudo foi elaborado diante de pesquisa bibliográfica a vários autores que defendem o tema, como Marisa Lajolo, Delia Lerner, Regina Zilberman entre outros.

Palavras-Chave: Leitor, Leitura, Literatura.

ABSTRACT

The present work, the result of a bibliographic review, represents a first step towards understanding how to stimulate the formation of readers since early childhood education. It is noticed that nowadays, students show little interest in reading, as well as difficulties in interpretation, which are activities of great importance for their life and reading the world. The human being lives surrounded by words and oral and written communication has been part of this routine since forever. Thus, this work addresses the importance of reading as an indispensable tool for life in society that constitutes a form of interaction between people and the construction of knowledge. This study was prepared in the light of bibliographic research to several authors who defend the theme, such as Marisa Lajolo, Delia Lerner, Ligia Cademartori, Regina Zilberman among others.

Keywords: Reader, Reading, Literature.

1. INTRODUÇÃO

A prática da leitura sempre foi algo muito importante, desde os tempos mais antigos o homem sempre teve a necessidade de se comunicar, e a leitura foi mais um meio ao qual tornou isso possível. De acordo com Coelho (2015) a leitura ajuda o homem a se inserir na

¹ Acadêmico do Curso de Pedagogia do 4º ano – FAIT. E-mail: lidianearruda-dias@bol.com.br

² Professora Especializada, discente do Curso de Pedagogia – FAIT. E-mail: atpfatima@gmail.com

sociedade, a descobrir novos horizontes e a ter outros olhares. Por isso, segundo a autora, é necessário que o incentivo à leitura comece na infância, possibilitando um mundo de imaginação e descobertas.

A literatura deveria ser o centro das horas em que os educadores se unem a fim de programarem o ensino da literatura, sobretudo nos anos iniciais. É constante a situação em que alunos se veem obrigados a ler e o professor obrigado a impor a leitura numa aula sem estímulo de ambas as partes. (LAJOLO, 1991, p. 11)

Segundo Lajolo (1991, p. 12) o professor deveria ser o guardião do templo do saber, pois ele tem a chave em suas mãos para abrir a porta, mas ele próprio não sabe se entra ou sai até que os alunos se dispersem, para a leitura como atração e alegria, fator de aprendizagem com poderes para transformar o mundo. E a transformação inicia-se nos primeiros anos escolares, desde bem pequenos. A infância é o momento em que as crianças estão mais propícias a desenvolver hábitos que serão seguidos futuramente. Por conta disso, considera-se essencial estimular-las a gostar de ler desde bem pequena.

Para Lerner (2002, p. 73) essa premissa já serviria como única justificativa para a literatura na escola, porém, existem outros aspectos tão relevantes quanto. Vygotsky afirma que “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam” (VYGOTSKY, 1991, p. 59).

De acordo com a autora é fundamental que a literatura infantil seja percebida enquanto uma prática educativa que tem como objetivo o letramento literário, e, portanto, receba a atenção docente necessária no espaço da educação infantil. Afinal, tal prática é fundamental para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social da criança, sendo importante para a expressão verbal, para o lúdico, da imaginação e da capacidade de abstração e também do prazer. (LERNER, 2002, p.16).

Para Cademartori (1986, p. 74) o papel da literatura nos primeiros anos é fundamental para que se processe uma relação ativa entre falante e língua, promovendo assim a apropriação do sistema alfabético e das demais práticas relacionadas à língua. Para além do código, a literatura é fundamental para o conhecimento de mundo e a produção textual de autoria.

A partir dos estudos bibliográficos esse trabalho tem como objetivo de trazer a resposta, através de obras já publicadas referente ao tema, se a leitura pode contribuir na formação do leitor ainda na sua infância.

A pesquisa do presente artigo foi realizada como revisão bibliográfica, de artigos já publicados em sites de revistas científica como Scielo, Google Acadêmico, BDTD, entre outros e em livros disponíveis on-line, onde se destacam autores como, Lerner (2002), Lajolo (2008), Zilberman (2008), entre outros.

2. BREVE HISTÓRICO: DEFININDO LITERATURA INFANTIL

A refletir sobre a literatura Infantil, faz-se necessário retomar um pouco do histórico dos textos literários. De início, a literatura pensada para as crianças remonta o início do século XVIII, principalmente pela mudança de pensamento em relação à concepção desse sujeito, pensada a partir daí como um sujeito específico conforme aponta Cunha (1999. p.71), tais características mencionadas pelo autor, se relacionam com as necessidades específicas desses sujeitos para seu desenvolvimento integral, primado pelo intelectual, social, emocional, biológico e cultural. Anterior a esse período a criança participava da literatura do adulto, lendo grandes clássicos, orientadas por preceptores ou histórias com cavaleiro e aventuras. Além desses gêneros, lendas e contos constituíam a literatura.

O surgimento de uma literatura, conforme relata Cunha, (1999, p.23) só se fez necessária quando a concepção de infância também sofreu mudanças, fazendo-se necessários novos mecanismos para provê-la de recursos para enfrentar o meio social e ter seu desenvolvimento. Com as revoluções de ideais burgueses (Revolução Francesa, por exemplo) a escola tornou-se uma instituição aberta sendo a literatura infantil a validação do processo educativo, afinal, à escolarização está prevista o trabalho com a língua escrita, dependendo diretamente da capacidade leitora das crianças, conforme afirmam (LAJOLO E ZILBERMAN, 2008, p.68).

Conforme Cunha (1999, p. 23), no Brasil a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptações de obras de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias. Somente ao final do século XIX, se inicia a produção nacional dessas obras, porém, apenas com Monteiro Lobato que, efetivamente, se solidifica essa literatura.

É evidente que muitas são as possibilidades de análise da literatura infantil, muitas teorias e teóricos se debruçam sobre o tema, buscando esmiuçar suas possibilidades e seus horizontes. Mas, além de perceber que de fato há pensamentos diferentes acerca do conceito do que é Literatura Infantil, é importante perceber que há convergência no aspecto de que essa

consiste em algo complexo, com várias vertentes a serem respeitadas no espaço escolar, para que contribua no desenvolvimento das crianças pequenas. Assim, tão importante quanto o conceito, a prática pedagógica e a concepção de formação de leitores é fundamental para o trabalho na educação Infantil. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2008, p.66).

2.1 A Importância da Leitura e sua Aplicação no Ambiente Escolar

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e dono da própria vontade, de entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1991, p. 59)

Para a autora, fica evidente que a importância da leitura no universo do aluno, com suas diferentes aplicações, só poderão ser entendidas quando analisada dentro de uma visão muito mais abrangente a respeito do papel da leitura na vida do homem. Deve ser vista também, como uma das conquistas da espécie humana em seu processo evolutivo de humanização, mesmo porque o nascimento e a plenitude da razão estão condicionados pelo acúmulo de observações de outras mentes que nos precederam e que são transmitidas pela palavra oral e escritas (LAJOLO, 1991, p. 63).

De acordo com Lajolo (1991, p.59), isso significa que toda sociedade, nas suas diferentes etapas evolutivas, produz uma memória cultural e que a leitura vem a ser um dos instrumentos para conhecimento e transformação dessa memória. Para a autora, na verdade, não se pode considerar leitura apenas reproduzir o texto, contar a história, pois a leitura é um processo que se inicia antes do contato com o texto e vai além dele. O leitor participa do processo com toda a sua experiência de vida e de linguagem, num contexto determinado, com intenções e expectativas específicas. A observação faz crer que um leitor diante de um mesmo texto, mas em condições diferentes, realiza diferentes leituras. Desse modo, pode-se dizer que o aprendizado da leitura é uma tarefa permanente, que se enriquece com novas habilidades à medida que se vão dominando adequadamente os textos. Para isso, é relevante proporcionar condições de leitura participativa e criativa. (LAJOLO, 1991, p. 70).

Considerando o aluno não como receptor de informações, mas como sujeito da ação no processo ensino-aprendizagem, a ser estimulado, a se tornar cada vez mais crítico na interpretação e na análise das inúmeras informações recebidas, de acordo com Lajolo (1991, p.59) faz-se necessário utilizar-se do método indutivo para que ele possa perceber

as diferentes hipóteses de significação, sem, contudo, oferecer-lhe respostas prontas. Sua função, portanto, deve ser de conduzir a observação do aluno para aqueles pontos que, na percepção do professor, poderiam deixar de ser notados por ele.

Assim, de acordo com Bamberger (1988, p.70) os procedimentos metodológicos deverão ser aplicados da seguinte forma: oferecer oportunidade para que o aluno modele sua própria leitura; trabalhar a compreensão em níveis tão profundos quanto possível, utilizando do método indutivo; utilizar o maior tempo possível para pesquisa, para busca de informações, para instrumentalizar a construção de atividades e textos próprios; incentivar o aluno em trabalhos coletivos com responsabilidade definida para a produção em grupo; organizar atividades desafiadoras que provoquem enfrentamento, diálogo e discussão; buscar resultados consensuais, nos seminários, nas discussões coletivas, nas proposições do grupo, como exercício efetivo de cidadania; usar os recursos disponíveis no complexo escolar, utilizando dos meios eletrônicos, de informática, de multimídia, de telecomunicações; valorizar a elaboração própria, a construção coletiva, a apresentação de textos; dinamizar o espaço escolar aproveitando os recursos do ambiente; impulsionar o uso da biblioteca, para que os alunos pesquisem, discutam e critiquem aprendendo a ler de modo questionador, construindo argumentos e discutindo com seus pares os caminhos conquistados; ter a preocupação de demonstrar e valorizar o lado prático dos conhecimentos e, amarrar procedimentos teóricos e vivências práticas. (BAMBERGER, 1988, p.72)

O objetivo é dar autonomia para o aluno desenvolver suas potencialidades com responsabilidade, com dinamismo e com eficiência. Alguns indicativos que podem ser aplicados pela escola para induzir o hábito da leitura aos seus alunos:

O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que principia no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e bibliotecas públicas. (BAMBERGER, 1988, p. 70).

De acordo com Bamberger (1988, p.70) a escola é considerada como espaço socializador do conhecimento, com o papel de garantir aos alunos o aprendizado da leitura, com conteúdos variados, promovendo a formação de leitores. Compreende-se então a prática da leitura como um processo de descobrimento e de atribuição de sentidos com que venha tornar possível a interação leitor com o mundo.

Para Freire (2001), a Escola, tem a função de promover a formação do leitor, rever as condições, muitas vezes restrita, a que impõe a leitura aos seus alunos. Considerando que o

incentivo à leitura ainda consiste numa das maiores dificuldades para os professores e para as escolas.

Atualmente é muito importante que os professores estejam comprometidos com a literatura, pois, segundo Foucambert (1994, p. 22) “é lendo que nos tornamos leitores”. Então é papel do professor, buscar o prazer de ler e acompanhar o desenvolvimento dos alunos, incentivar os alunos a ter pensamento crítico e reflexivo, capacitando essas crianças a desenvolverem relações sociais, políticas, sociais e econômicas. Nesse ponto de vista, o autor destaca a existência de existir um consenso entre professores e alunos no sentido de que a leitura é lazer e compreensão do que proporciona prazer, alegria, e se transforma em atividade lúdica e cognitiva.

Portanto, de acordo com Foucambert (1994, p. 22) a literatura poderá oferecer muita criatividade e fantasia, levar o leitor ao expressar suas emoções, não sendo usada como simples recurso para a aprendizagem de conteúdos educativos.

2.2. O Papel do Professor na Formação de Leitores

De acordo com Saviani (2001) aprender a ler para entender todos os gêneros textuais é uma habilidade importante para toda a vida, tanto dentro como fora dela. A leitura é algo importante para a vida e para a formação dos indivíduos na nossa sociedade e é papel da escola criar condições facilitadoras e intervir para que os alunos se tornem bons leitores.

Kleiman (2000, p.37) e Freire (2001, p. 59) afirmam que a leitura se tornou uma atividade essencial para todas as pessoas. Toda a ideia de mundo é entendida através da leitura que passa pelo tempo enfocando três elementos distintos: o texto em si, o autor e o leitor.

Kleiman (2000) e Freire (2001) afirmam que uma leitura eficiente exige do leitor a utilização de estratégias intertextuais necessárias à leitura das entrelinhas de modo que os sentidos vão sendo construídos pelo leitor com base nas informações que o autor coloca no texto e com base nas informações que o próprio leitor mobiliza a partir de suas experiências anteriores de leitura.

De acordo com Freire (1996, p.8), quanto maior o número de experiências significativas com o texto, o aluno vai adquirir mais desenvoltura para dialogar com ele. A leitura deve entreter e prender o aluno ao texto além de fazê-lo ansiar por mais e mais, despertando a curiosidade.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI (Brasil, 1998) ressalta a importância do manuseio de materiais, de livros, jornais, revistas, e demais formas de textos, pelas crianças, dessa forma ao observar produções escritas, a criança, vai conhecendo de forma gradativa as características formais da linguagem. Isso fica evidente quando uma criança folheia um livro, faz gestos e emite sons como se estivesse lendo. Porém na escola, isso pode não ocorrer devido ao medo de que os livros se estraguem. Os alunos só aprenderão a cuidar corretamente dos materiais, se tiveram em contato com os mesmos. A criança só construirá conhecimento acerca da leitura se estiver inserida em um ambiente que facilite o letramento que a possibilite presenciar e participar de situações de iniciação à leitura.

Segundo Becker apud Maricato (2003, p.22) para trabalhar literatura com as crianças é preciso possibilitar a elas o contato com os dois materiais: aquele que é para ser lido (livros, revistas, jornais, entre outros) e, aquele que é para ser rabiscado (folha sulfite, caderno de desenho, lousa, chão).

Quanto mais cedo as crianças tiverem contato com histórias orais e escritas, maiores serão as chances de gostarem de ler ao folhear um livro, tocá-lo e observar suas figuras, mesmo que ainda não decodifique a língua escrita, a criança está ao seu modo praticando a leitura e, esta prática de leitura é denominada de “Letramento” por Soares apud Maricato (2003, p.18).

Soares apud Maricato (2003, p.18) diz que para aproximar o aluno da leitura, faz-se necessário que o professor atribua à literatura uma finalidade prazerosa e não apenas cumprir obrigações na escola ou no trabalho, pois só assim será possível formar leitores para a vida toda. Sendo assim, com o propósito de desenvolver, desde muito cedo, o hábito e o prazer pelos livros, à educação infantil deve oferecer um cardápio variado de leitura; não só de textos escritos, mas a própria leitura e interpretação do mundo em que a criança está inserida e do qual faz parte como ator social.

O acesso a diferentes tipos de texto, mesmo bem antes da alfabetização, irá permitir a criança desenvolver tais capacidades, além de apresentar elementos que irão constituir o texto, ou seja, o elenco de personagens, a estrutura, o vocabulário, a coerência interna, o enredo, além disso, o letramento. Este conjunto de elementos é fundamental ao processo de alfabetização. Sendo assim, pode-se constatar que “a criança constrói conhecimentos sobre a escrita muito antes do que se supunha” (BRASIL, MEC/SEF, 1998, vol.3).

2.3. A Literatura na Primeira Infância.

Coelho (2000, p.33) diz que nessa idade a criança morde, manipula intensamente, amassa e arrasta os objetos. Portanto os livros devem ser de materiais como: emborrachados, de tecidos, entre outros, para que ofereçam segurança ao bebê. O professor deve pensar numa rotina constante para o trabalho com os livros, mas ao mesmo tempo espontânea. Com o passar dos dias a criança pode “enjoar” desse material. Cabe então, a intervenção desse educador, estimulando a curiosidade dos pequenos; escondendo o livro em caixas, no meio de tecidos, para que procurem e sejam surpreendidos com o objeto.

Quando os bebês nascem tem uma intimidade com a arte de diferentes maneiras. Coelho (2000, p.33) diz que o pré-leitor atinge a categoria inicial sobre duas fases: a primeira infância que vai dos quinze meses aos dois anos, onde a criança começa a observar tudo o que está a sua volta pelos contatos afetivos e pelo tato. Essa fase é chamada fase da invenção da mão, pois quer pegar tudo o que está próximo. É também a fase em que a criança começa a conquista da própria linguagem. A partir dos dois e três anos, começa a adaptação ao meio físico e o crescente interesse pela comunicação verbal. Na casa ou na escola a presença do adulto continua sendo fundamental, pois é indispensável a sua orientação para a brincadeira com livros (COELHO, 2000, p. 39).

De acordo com Paiva (2010) a magia da literatura é fundamental para as crianças. As estantes ou prateleiras precisam ser baixas, permitindo assim o acesso dos pequenos aos livros, aos fantoches, aos bonecos e as fantasias. Eles têm livre acesso para pegar, olhar as ilustrações, enfim ter o contato com os livros. De início pegam os livros e colocam no colo das professoras, os livros viram casinhas, boneca, almofadas e até são levados à boca, pois os pequenos encantam-se com a capa, com a textura, com o tamanho, com as cores e com as ilustrações. Os livros tornam-se muito próximos dos brinquedos, e esse primeiro contato é muito pertinente. Aos poucos eles vão entendendo que lá na biblioteca tem uma pessoa que conta história, e amam ouvi-las, sentam-se para ouvir a história e muitas vezes têm suas preferências, sabem onde encontrá-las nas prateleiras. Entre sapos, princesas, castelos, bruxas, fadas, vão formando-se os pequenos leitores. (PAIVA, 2010, p.4)

Segundo (Parreiras, 2010) falar da literatura infantil na primeira infância significa falar primeiro dos bebês, como leem e como colocar um bebê na roda da história, do que gostam de ouvir. É preciso observá-los. Conforme os dias e os meses passam, os bebês estabelecem um contato maior com o mundo e com as pessoas. Eles colocam as mãos na boca e junto com as mãos objetos que os adultos os oferecem, porém, ao brincar exploram as

formas dos objetos, exercitam as mãos e a boca. Dessa maneira também estarão exercitando sua estrutura psíquica e emocional, acolhendo o imaginário e a fantasia com muita naturalidade.

Entretanto (Parreiras apud Meltzoff, 2010) diz que é necessário que a criança conheça o mundo. Crianças não devem viver isoladas, isso gera um desenvolvimento retardado. O ambiente influi e muito, por isso, se faz necessário mostrar aos bebês e as crianças, objetos novos, lugares diferentes, materiais impressos variados, tais como, livros, revistas, folhetos e gibis.

Perrotti (2010) ressalta que quando o bebê tem um livro em mãos, ele vive a experiência de observar e sentir a textura, o colorido da capa, os desenhos, o peso, eles apreciam o livro. O livro é uma caixa de surpresa, de fantasias que ficam nas recordações, no imaginário, por isso é tão importante o contato na primeira infância.

Na faixa etária de 3 a 4 anos o universo literário se amplia (Perrotti, 2010), ou seja, os livros deixam de ser apenas de figuras e palavras e dão espaço para os contos com suas princesas, príncipes, fadas e as personagens mais temidas passam a existir na imaginação dos pequenos como o lobo, bruxa e o bicho-papão. Para o autor, o sentimento lúdico que é necessário à vida, já que, para viver, é preciso reprimir ou deixar adormecidos desejos e fantasias.

Segundo (Coelho, 2006) na fase pré-mágica, as histórias devem conter muito ritmo e repetição. Os pequenos gostam de ouvir por várias vezes a mesma história; é a famosa fase do conte de novo.

De acordo com Teberoski (2008); Colomer, (2008) as crianças gostam de ouvir história e gostam de ouvi-las por muitas vezes. Isso ajuda as crianças em vários sentidos: quando a história lhes é familiar, elas a memorizam. Elas também antecipam os acontecimentos da história, sabendo contar corretamente a ordem em que acontece. Se o adulto mudar algo na história, a criança irá perguntar onde ele leu aquilo, pois, uma vez contada elas gravam e não se esquecem. Desde cedo, se possuem o hábito de ouvir histórias frequentemente, desenvolverão uma grande sensibilidade para a linguagem.

Segundo Teberoski (2008); Colomer (2008), a diversificação no que se diz respeito à leitura, é bem pertinente, porque a criança aprenderá que existem muitos tipos de leitura. O jornal, por exemplo, é um suporte cotidiano de muitas famílias em nossa sociedade, as crianças de três anos, veem seus pais folhearem o jornal, a procura de alguma informação, elas sabem que no jornal não contem as histórias que os pais ou os educadores contam, que diferente do livro, o jornal é informativo e descartável. O livro fica guardado e pode ser lido

por muitas vezes e o jornal não.

Através da leitura as crianças ampliarão o seu vocabulário. Elas têm grande facilidade para aprender novas palavras; aos dois anos aprendem através de fontes diretas, da interação social com os adultos e familiares. As crianças maiores aprendem através de fontes indiretas, tais como televisão ou com leitura feita em voz alta. Quando os adultos incluem as crianças ativamente para que ouçam a história, estão colaborando para que haja uma aquisição de um novo vocabulário (TEBEROSKI; COLOMER, 2008, p. 39)

2.3.1. Os Tipos de Livros e Histórias para Crianças de 0 a 3 Anos

Para Guimarães (2013) a escola de educação infantil é o espaço ideal para que haja os primeiros contatos com os livros. É nesse espaço, que o desenvolvimento do hábito de ler e do gosto da leitura acontecerá. Também é muito importante que além de ouvir a história a criança interaja com os livros, pois a intimidade com os livros não acontece de um dia para o outro, mas no decorrer do dia a dia. Por isso é importante construir essa vivência desde os primeiros anos de vida. Tudo começa quando as crianças ouvem as histórias, depois vem o folhear das páginas, o observar as formas, as cores. A organização da sala deve ser convidativa em relação aos livros, e cabe aos pequenos escolher se querem sentar, deitar, ficar no colo, sentar na cadeirinha, para folhear os livros. E quanto à escolha dos livros, essa é uma tarefa difícil, pois bons livros, e boas histórias são aquelas em que o leitor se identifica, incentivando-o a fantasiar, a sentir, a pensar. A escolha dos livros deve ser pensada e diversificada.

Para as crianças de três anos em diante, os livros devem ser muito ilustrados, com pequenos textos, que possam ser lidos e dramatizados pelos adultos. Nessa idade as crianças gostam de ouvir várias vezes a mesma história, é a fase do conte outra vez. Até que elas comecem a recontar a história de tanto ouvi-las, fazendo o reconto e a pseudoleitura. (MONTAGNANA; SUELLOTO; MELIS, 2003, p. 16).

2.3.2. O Papel do Educador e a Literatura para os Pequenos

Para Coutinho (2013) estar com as crianças pequenas é uma experiência que desafia o docente todos os dias. É um desafio grande, porque a comunicação com eles é diferente: exige

dedicação, conhecimento e interesse por parte do educador. Eles não falam o que sentem, conhecem, desejam, mas se comunicam com o corpo, com o choro e com o olhar. É estar atento aos progressos que vêm conquistando gradativamente. As estratégias de organização do trabalho pedagógico fazem toda diferença, pois, planejar, observar, registrar, e avaliar é papel do educador. (COUTINHO, 2013, p.8).

Todo ambiente é carregado de intencionalidade. Quando se fala de um espaço para leitura tem-se em mente um universo de livros, um ambiente alegre, colorido, sem luxo, mas cativante. Porta-livros substituem as prateleiras, pufes substituem cadeiras. Segundo RCNEI (1998) o professor de educação infantil deve oportunizar diferentes situações aos pequenos, entre elas: a participação em várias situações de comunicação oral, para interagir e expressar seus desejos, necessidades e sentimentos por meio da linguagem oral, expressando suas vivências; a contação e a leitura de histórias; o contato com livros, revistas, histórias em quadrinhos A observação e o manuseio de materiais impressos, como jornais, livros, revistas e gibis (BRASIL, 1998, p. 48)

Segundo (Manzano, 2009) a leitura feita pelo professor abre portas para o conhecimento sobre o mundo e contribuem para a interação e o desenvolvimento da oralidade e da linguagem. A narração feita pelo professor enriquece um repertório favorecendo a ampliação da comunicação e da interação dessa criança. Na famosa roda da história, acontece o momento para a expressão de ideias, sentimentos. O ambiente deve ser elaborado com muito carinho, para cada faixa etária uma história diferente. Para o Berçário I (0 a 2 anos), por exemplo, sugere-se a leitura de poesias curtas com temas de animais. Após a leitura, é importante oferecer algumas figuras para os pequenos. Já para o Berçário II (2 a 3 anos) sugerem-se histórias de acumulação e repetição, um canto de leitura na sala de aula também é interessante, assim como deixar com que participem da confecção de um tapete, por exemplo, para colocar no canto da leitura. (MANZANO, 2009, p. 20)

Para Carvalho; Lislá; Nalini (2009) muitos ambientes educativos permanecem vivos. Para os bebês, um tapete grande, uma centopeia colorida de almofadas, livros com ilustrações chamativas, fazem toda a diferença, assim como a diversidade literária. Os pequenos gostam do colorido e chamativo, e a organização colabora para a empatia dos pequenos leitores.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Normalmente nas escolas, lê-se para aprender a ler, enquanto que no dia a dia a leitura é realizada por outros objetivos, que vai do comportamento do leitor e sua atitude frente ao texto. No dia a dia, uma pessoa pode ler sentir, ou para se informar. Essas leituras, com diferentes objetivos, produzem efeitos diferentes.

É na escola que as crianças aprendem a ler. Muitas crianças têm o primeiro, e em alguns casos até mesmo o único contato com a leitura na escola. Dessa forma fica claro que a escola, por ser o lugar ideal para formação e alfabetização, é o ambiente ideal para a formação do leitor.

As várias atividades propostas podem colaborar no contexto educacional, se utilizadas de forma corretas: pintar, desenhar no contexto da história, discutir sobre as partes da história mais chamou a atenção das crianças, trocar experiências a partir da história contada; estimular a imaginação através de como vai acabar a história, o que vai acontecer e situações diferentes, usar massinha de modelar, confeccionar objetos com diversos materiais, elaborar textos, encenar uma peça de teatro, entre outros, pode contribuir para a formação de um ser criativo, crítico, imaginativo, companheiro e provavelmente leitor.

No processo do ensino da leitura, o professor deve proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer os gostos de seus alunos e a partir então, escolher um trabalho ou uma história que vai ao encontro do que a criança necessita, adaptando o seu vocabulário, despertando esse aluno para o gosto, deixando ele se expressar.

É necessário que dentro do ambiente escolar o professor faça a mediação entre o trabalho e o aluno, criando situações onde o aluno realize sua própria leitura, concordando ou discordando e ainda fazendo uma leitura crítica do que lhe foi apresentado.

Quando a criança consegue desenvolver uma leitura crítica, ela consegue ver a aquilo que ela leu, com outros olhos, com outra perspectiva. Através da pesquisa, fica evidente o quanto a leitura pode ser enriquecida, para ajudar na formação do leitor.

O hábito de ler e por sua vez a leitura é um processo complexo que envolve situações diversificadas e certas habilidades. Saber ler é saber e entender de forma reflexiva o que o texto diz e o que não diz o que o constitui. Quando o aluno tem a capacidade de captar as ideias de um texto, diríamos que esse aluno está praticando na sua essência a leitura o que o leva a se habilitar a ler toda e qualquer coisa.

É essencial que o professor, ao inserir a prática da leitura, procure apresentar uma diversidade de textos que ofereça ao aluno à possibilidade de interagir com uma linguagem variada, como a música, as artes plásticas, a escrita, a arte cênica entre outros, resultando numa espécie de formação crítica e cultural desse aluno.

4. REFERÊNCIAS

- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1988.
- BECKER, P. (Org.). **Ensaio**. Passo Fundo: UPF, 2000.
- BRASIL. FNDE, **Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE**. 2008.
- BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil – Volume: 3**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf> Acesso em: 27 ago. 2020
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, Ana; LISLA, Eliana; NALINI, Denise. O espaço e a leitura. **Revista Avisa Lá**, nº. 40, 2009.
- COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. Editora Afiliada (ABDR), 2006.
- COELHO, Nelly. **Literatura infantil teoria, análise e didática**. Editora moderna Ltda.construtivista. Porto Alegre, Artmed, 2000.
- COELHO, Kesia. A importância da leitura na educação infantil: Um estudo teórico. Faculdade de Pimenta Bueno – FAP. 2015. Disponível em: <https://fapb.edu.br/wp-content/uploads/sites/13/2018/02/especial/4.pdf> Acessado em: 09 set 2020.
- COUTINHO, Ângela. A prática docente com os bebês. **Revista Pátio Educação infantil de 0 a 3 anos**, nº 35, ano XI, abril/julho, 2013.
- CUNHA, M.A. A. **Literatura Infantil Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1999.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médica, 1994.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 42 ed., São Paulo: Cortez, 2001. Primeira publicação em 1981.
- GUIMARAES, Rosele. Livros para ler, explorar e imaginar. **Revista Pátio educação infantil de 0 a 3 anos**, nº. 35, ano XI, abril/julho, 2013.
- KLEIMAN, A. B. **Vinte anos de pesquisa sobre a leitura**. In: ROSING, T.; 2000.
- LAJOLO, M. et al. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 10. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAM, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: Histórias & Histórias**. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MANZANO, Cinthia. **Interação no berçário, tempo didático**. Revista Avisa Lá. nº 38, 2009.

MARICATO, Adriana. **O prazer da leitura se ensina**. Criança. Brasília. s/ v, n. 40, set. 2003

MONTAGNANA, J. A.; SUELOTTO, R. R.; MELIS, V. A. Fontes para a educação infantil. São Paulo: Cortez, 2003.

PAIVA, Ana. Literatura infantil muito além do cantinho da leitura. Quando a leitura se torna uma brincadeira. Revista Pátio, nº 24, julho/setembro 2010.

PARREIRAS, Ninfa. Confusão de línguas na literatura: O que o adulto escreve a criança Le. FNDE do professor, 2010.

PERROTI, E. O encontro de crianças e literatura na educação infantil. Artmed. Pátio. Nº 24, 2010

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 36ª ed. São Paulo, Scipione: 2001.

SOARES, Magda, Letramento e alfabetização: as muitas facetas*, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. Aprender a Ler e a Escrever: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.